



ARLINDO CORADINI com seu acordeão, ao lado da mulher, Maria Josefina Coradini: “Meu pai era o maior sanfoneiro do mundo. O melhor que eu já conheci. Ficou cego aos 40 anos e tocava a noite toda assim mesmo”, lembrou ele

A TRIBUNA COM VOCÊ EM SÃO GERALDO

Aos 85 anos, músico dá show de disposição

Arlindo Coradini, que ajudou a fundar igreja no bairro, gosta de tocar valsas animadas e cortar o cabelo dos amigos em sua casa

Rayza Fontes

Nove filhos, 21 netos, dois bisnetos, três acordeões e um casamento de 63 anos são alguns tesouros que Arlindo Coradini acumulou, em 85 anos de vida, 44 deles vividos em São Geraldo, Cariacica. Cheio de disposição, ele toca valsas animadas e corta o cabelo dos amigos em sua casa.

“Tem um pessoal mais antigo aqui que gosta de mim e vem cortar o cabelo. Não dou nem uma tremidinha”, brincou ele.

Preocupado com o lado espiri-

tual, buscou retribuir as conquistas cortando de graça cabelos de pacientes internados nos hospitais da Grande Vitória, e aceitou a incumbência de um padre há mais de 40 anos, de ser um dos líderes da comunidade São Geraldo da Igreja Católica.

“Deus me ajudou um tanto que eu acho que nem mereço. Nós criamos um coral na igreja, já toquei em muitas missas, até no Corpus Christi de Paraju. Tenho muito orgulho da comunidade São Geraldo e de ter feito parte do início dela”, emocionou-se.

A mulher dele, Maria Josefina Coradini, 83, contou que o começo de vida do casal e os filhos na capital ficou no passado, e hoje ela já não consegue mais se ver longe do bairro, da casa e das amizades que construiu.

“Antes, todas as vezes que voltava para visitar a roça, que fica no interiorzão de Colatina, eu voltava

triste. Depois, não conseguia mais ficar dois longe daqui”, brincou ela.

Para driblar a saudade dos cuidados com a terra, o casal cuida de uma horta e mantém o jardim em dia. Quando não está ocupado com os cortes de cabelo e a sanfona, Arlindo gosta ainda de jogar baralho com vizinhos.

“A gente joga um tipo de três setes chamado triunfo, mas nada apostado. Só para divertir e confraternizar”, contou.

Além do acordeão, instrumento pelo qual é conhecido no bairro, Arlindo toca também violão e começou na música, há 70 anos, com o cavaquinho. A inspiração veio do pai, primeiro professor de música.

“Meu pai era o maior sanfoneiro do mundo. O melhor que eu já conheci. Ficou cego aos 40 anos e tocava a noite toda assim mesmo, em Vargem Alta”, lembrou.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Bairro teve outro nome

> **FAVELA DO MORRO** e Bela Vista foram nomes dados pelos moradores antes de São Geraldo ser oficializado como nome do bairro.

> **O BAIRRO COMEÇOU** na década de 1950, com a venda de terrenos de um loteamento particular.

> **NA DÉCADA DE 1960**, o bairro ganhou infraestrutura básica de água, energia elétrica e esgoto. Antes disso a iluminação era feita por lamparinas e lâmpões e os moradores buscavam água em poços. O mato cercava a região, de poucas casas.

> **O BAIRRO** teve um chafariz e quatro poços de água, antes das instalações de abastecimento, em 1967.

Fonte: Moradores do bairro.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de São Geraldo, em Cariacica, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro. As sugestões podem ser enviadas para o e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem é de outro bairro pode sugerir uma visita de **A Tribuna com Você** ao local.

AS RECORDAÇÕES



LYDIO: “Só tinha 10 moradores”

Água e luz em casa

O marceneiro Lydio Sperandio, 77, foi um dos primeiros moradores de São Geraldo, há 50 anos. Responsável por fazer um abaixo-assinado em busca de energia elétrica para a região, ele contou que conseguiu apenas 10 assinaturas.

“Quase não morava ninguém aqui em Morro da Favela, como chamavam antigamente. Consegui 10 assinaturas, que era o total de moradores”, disse o marceneiro, que foi o primeiro a receber a instalação de água e luz em casa.



MARIA APARECIDA: lembranças

Professora linha-dura

Natural de São Domingos do Norte, no Noroeste do Estado, Maria Aparecida Deprá, 62, é professora aposentada. Morando em São Geraldo há 50 anos, ela foi responsável pela educação de grande parte dos moradores e tem orgulho em contar que sempre foi exigente com a qualidade dos alunos.

“Eu ensinei uma geração inteira a ler e a escrever aqui no bairro. Era muito exigente. Todos que passaram pelo meu quadro tinham de saber ler e escrever direitinho, além de dominar as quatro operações básicas”, contou ela, que ajudou a fundar um grupo de ginástica para a terceira idade.